

OS LUGARES DO “PARA-FORMAL”: MARQUISES, ABANDONOS E VAZIOS NO PROCESSO DE PLANEJAMENTO URBANO

**DETONI, Luana Pavan¹; ROCHA, Eduardo²; BITTENCOURT, Lucas Boeira³;
 KUHLOFF, Ivan Ribeiro⁴; BOSZCZOVSKI, Otávio⁵; SANTOS, Glauco Roberto
 Munsberg⁶; BARROS, Carolina Mendonça Fernandes⁷.**

¹ UFPel, Acadêmica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, luanadetoni@gmail.com; ² UFPel, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, amigodudu@pop.com.br; ³ UFPel, Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Lucas.faurb@gamil.com; ⁴ UFPel, Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ivankuhlhoff@hotmail.com; ⁵ UFPel, Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Otavio.bos@hotmail.com; ⁶ UFPel, Acadêmico de Ciência da Computação, glaucomunbrg@gmail.com; ⁷ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense/ Pelotas, carolbarros@pop.com.br

1 INTRODUÇÃO

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos urbanísticos. Em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem que espaço vai ser público e qual não vai ser; que espaço cumprirá uma função ou outra. E esses espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas geram mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade. Este aspecto informal, longe de ser ocasional, mas sim efêmero, constitui uma regra importante no desenvolvimento de muitas cidades – esses são espaços “para-formais” (GRIS, 2010). Estas encruzilhadas humanas onde a atividade e seu entorno geram espaços intermitentes e muitas vezes fugazes nas cidades contemporâneas são os objetos de estudo desta pesquisa (Fig.1).



Figura 1 – Para-formalidades no centro da cidade de Pelotas, RS. Fonte: Fernanda Tomiello, 2012.

Emerge daí o primeiro bloco de problemáticas a ser enfrentado: Que coisas unem e separam essa cidade formal da cidade informal? Como se produz a integração de coletivos heterogêneos num mesmo ambiente? Que implicações éticas e técnicas têm estas ecologias denominadas de “para-formais”? Como metodologizar a cartografia urbana (ROCHA, 2008, pp. 166-167) para os casos de registro dessas ecologias “para-formais”?

Um segundo bloco de questionamentos diz respeito aos paradigmas computacionais que possam suportar tais dados e que permitam a interação/participação no processo de levantamento de campo desses conflitos espaciais existentes no centro das cidades e de suas posteriores análises. Que recursos tecnológicos poderão ser desenvolvidos e utilizados para cartografar a “para-formalidade” nas áreas centrais das cidades? Como programar essas ferramentas infográficas?

2 METODOLOGIA

Para esta investigação trabalhou-se com o seguinte modelo abstrato: o formal e o informal, polos de idealização de uma atividade/acontecimento menos delimitável, de uma ação mista e heterogênea, que chamamos aqui de “para-formal” (GRIS, 2010).

O “para-formal” é um lugar do cruzamento entre o formal (formado) e o informal (em formação). O “para-formal” é um lugar de cruzamento entre o previsível e o imprevisível. O “para-formal” é: (i) a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos; (ii) a cidade em desagregação, os processos urbanos conflituos, friccionantes ou catastróficos; (iii) as situações urbanas onde existam fortes “indiferenças estratégicas” entre os atores.

O debate estereotipado entre o formal e o informal está constituído por: (i) Formal, cidade regrada, urbanizada e inscrita em numerosos sistemas legais, sistemas estáveis e previsíveis. Em última análise, a cidade formal é uma cidade imersa em uma densa trama de sistemas de inscrição. (i) Informal, a cidade precária, cidade sem controle do Estado, cidade ilegal, cidade não cadastrada nem planejada. Sistemas instáveis e imprevisíveis. Informal é também é o complemento excedente do formal (GRIS, 2010, p.18).

Pode-se acrescentar que o modelo “para-formal” permite adentrar nas “ecologias urbanas”, ser o “para-formal” é estar num estado intermediário entre os sistemas estabilizados e os sistemas instáveis, entre as situações superficiais (entendendo estas como situações que não estão ainda fixadas e por outro lado “flutuam” entre várias determinações sem resultado previsível). Isto poderá permitir cartografar complexos de relações em estados de equilíbrio instável ou desequilíbrio semi-previsível (GAUSA, 2000, p.406-407).

Esse universo “para-formal” está ainda e sempre em formação, pode ser definido por pontos, manchas e movimentos no mapa da cidade. O lugar do “para-formal” sempre inclui diferentes, por isso ao invés de classificar procuramos dar sentido a esse uso do lugar, descobrindo sempre novas e diferentes possibilidades de usos, bem como as formas de habitação desse espaço urbano público/privado.

Como método de coleta e análise de dados a pesquisa propõe oficinas nas cidades alvo do estudo. Essas oficinas têm como público alvo os interessados nas questões urbanas da contemporaneidade e do planejamento de cidades (pesquisadores, professores, usuários da cidade, turistas, etc.).

As cartografias urbanas mapeiam as “para-formalidades”. Pensando as “para-formalidades” como produtoras de subjetividade – relação espaço-corpo (do errante que participa da oficina, do usuário da cidade e do corpo “para-formal” em si) – sempre no (em) processo (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009, p. 56).

Ao mesmo tempo está sendo desenvolvida uma plataforma digital cognitiva e interativa, com o objetivo de criar redes para esse universo territorial, cruzando

informações textuais, imagens, vídeos e comentários entre os atores participantes da pesquisa e das oficinas para coleta de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação tem como lócus um universo amplo de cidades, localizadas da região sul da América do Sul (Fig.2), utilizando como campo de estudos parte de tecidos urbanos de suas áreas centrais.

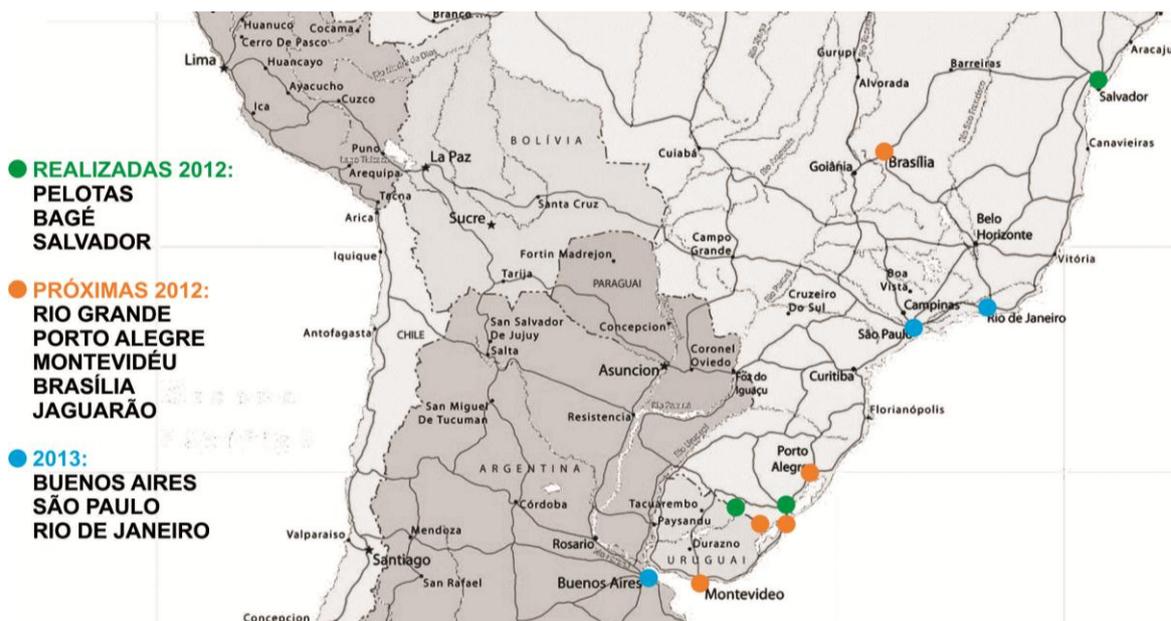


Figura 2 - Mapa com a localização das cidades que fazem parte do estudo. Fonte: Edu Rocha, 2012

Encontrou-se nas oficinas imagens de diversos tipos de acontecimento “para-formal” no espaço público, podendo ser classificados de diversas maneiras. Quanto ao uso podemos concluir que existem atividades: comerciais, culturais/artísticas, moradia e mistas. As “para-formalidades” são atividades temporalmente repetitivas, acontecem diariamente. Perceberam-se algumas preferências quanto à ocupação do espaço público em estratégias “para-formais”. Lugares como marquises, vazios, abandonos, esquinas são preferencialmente escolhidos por atividades “para-formais”. Provisoriamente essa localização está ligada a questões de movimento, abrigo e segurança. Também é visível a ocupação de espaços que são constituídos por apoios: como bancos, paredes, pisos, etc. Essa localização é carregada por sentidos e sensações - cores, texturas, sons, cheiros e gostos - capazes de potencializar pensamentos e criar mundos na cidade e dentro da própria cidade.

Os “para-formais” registrados até esse momento são acompanhados de equipamentos ou não. Esses equipamentos podem ser fixos, moveis ou ambulantes. Os fixos na maioria dos casos podem ser considerados de grande porte, quanto aos moveis encontramos-nos mais diversos tamanhos, e ambulantes de pequeno volume. Também encontramos algumas atividades sem nenhum equipamento: como no caso dos fazedores de propaganda de boca em boca.

4 CONCLUSÃO

Após algumas oficinas realizadas, foi coletado um número de imagens fotográficas (elementos “para-formais”), anotações (ocupação do espaço) e confeccionados mapas (trajetos e localização). Esse material está sendo preparado para disponibilização em breve na Plataforma “Para-formal”.

A atividade de oficina de experimentação do espaço urbano “para-formal”, funciona como coleta de dados, avançando em diversos momentos para a análise e discussão dos dados pelos próprios participantes das atividades, usuários e para-formais do espaço urbano. Tal discussão tem feito emergir novas formas de para-formalidade, inesperadas, mas explicáveis / discutíveis pelos autores do material coletado e pela equipe da pesquisa.

Pode-se afirmar que existe uma cidade “para-formal”, uma cidade paralela à cidade formal, que transita – mistura – espaços lisos e estriados. O espaço liso não para de ser traduzido, met-amor-foseado em um espaço estriado, e o estriado constantemente abandonado a um espaço liso. Espaço de indiscernibilidade, uma zona esfumada, onde se pode abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo se havia perdido.

5 REFERÊNCIAS

GAUSA, M.; GUALLART, V.; SORIANO, F.; MÜLLER, W.; PORRAS, F. & MORALES, J. **Diccionario Metápolis de Arquitectura Avanzada: ciudad y tecnología en la sociedad de la información**. Barcelona: Actar, 2000.

GRIS PÚBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bisman Ediciones; CCEBA Apuntes, 2010.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. & ESCÓSSIA, L. d. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Eduardo. **Cartografias Urbanas**. Revista Projectare. n. 2. p. 162-172. Pelotas: UFPel, 2008.